

Um clã edificante? Ramos de Azevedo, Arnaldo Dumont Villares e Ernesto Dias de Castro¹

An constructive clan? Ramos de Azevedo, Arnaldo Dumont Villares and Ernesto Dias de Castro

CARLOS THANIEL MOURA

Universidade Federal de São Paulo | UNIFESP

RESUMO Este artigo apresenta uma discussão inicial a respeito de um grupo familiar que esteve envolvido na direção de duas empresas fundamentais para a consolidação da construção civil e da urbanização em São Paulo. Em um período de crescimento vertiginoso de obras espalhadas pela cidade, um escritório de arquitetura alinhado à uma loja de importação e comércio de materiais para construção, foram os responsáveis por dinamizar obras públicas e particulares inseridos dentro da lógica de um mercado imobiliário em expansão. Representados por três engenheiros, Ramos de Azevedo, Arnaldo Villares e Ernesto de Castro, seus empreendimentos alicerçam a ideia de um clã que efetivamente esteve direcionado em manter suas estruturas por décadas.

Palavras-chave Ernesto Dias de Castro – Ramos de Azevedo – Arnaldo Dumont Villares – São Paulo – urbanização.

71

ABSTRACT *This article presents an initial discussion about a family group that was involved in the direction of two key companies for the consolidation of civil construction and urbanization in São Paulo. In a period of dizzying growth of works mirrored by the city, an office of architecture aligned with a shop for import and trade of building materials, were responsible for boosting public and private works inserted within the logic of a booming real estate market. Represented by three engineers, Ramos de Azevedo, Arnaldo Villares and Ernesto de Castro, his undertakings are based on the idea of a clan that was effectively directed at maintaining its structures for decades.*

Keywords *Ernesto Dias de Castro – Ramos de Azevedo – Arnaldo Dumont Villares – São Paulo – urbanization.*

Introdução

Construir. Essa singela palavra carrega ação importante quando inserida no debate sobre a urbanização das cidades. Se urbanização é transformar em cidade um espaço que não era², construir seria o seu equivalente. A cidade é construída a todo instante, não tem um fim em si mesma, e assim podemos considerá-la em constante estado de urbanização.

Na capital do Estado de São Paulo não foi diferente. As últimas décadas do século XIX foram importantes para serem postas em discussão, a despeito dos processos de urbanização da cidade. Com a Proclamação da República em 1889, de acordo com as reflexões de Cláudio Hiro Arasawa, São Paulo passaria a ser um polo das forças racionais do saber técnico-científico e, portanto, a capital se constituiria

*em um ponto de articulação entre uma ampla região, convertida em seu mercado tributário, e o sistema mundial, sem passar pela mediação do poder central estabelecido no Rio de Janeiro. Para isso, o regime republicano e federativo descentralizado que sobrevém à Carta de 1891 teria sido um fundamento estratégico.*³

Desta forma, não só este trecho demonstra que São Paulo estava se desarticulando dos demais Estados da Federação, mas que toda a atenção voltada para o Distrito Federal poderia agora ser desmembrada para outras capitais. São Paulo apropriou-se de um discurso que permanece até hoje: centralizador de todo o impulso industrial e modernizante, que a transformou em uma grande metrópole em meados do século XX. Posto isso, esse discurso se articulava através da construção de uma narrativa progressista-republicana, onde o café prevalecia como produto principal de exportação do Brasil e mantinha São Paulo como representante de uma *força* produtora. Renato Perissinoto, afirma que a atividade econômica praticada nesse período era muito diversificada, correspondendo não somente a produtores de café, mas também a “donos de ações de ferrovias, industriais, mas, sobretudo, exportadores e banqueiros”.⁴

A atividade de edificar, aquecida pelo mercado de construção civil, que se viu estimulado por um capital advindo de outras fontes de investimento, para dar conta de tal demanda, encontrou nos escritórios de arquitetura, lojas de importação, lojas de materiais de construção, agentes auxiliares no processo de construção da cidade, sendo eles, arquitetos, engenheiros e capitalistas. Todos estes estiveram também à frente da indústria paulista, que se constituiu através de um discurso nacional e amparado do desenvolvimento técnico-científico, por uma das principais instituições da época, a Escola Politécnica de São Paulo.

Neste cenário, nos voltamos para um círculo familiar, retratado aqui como um clã, que atuou na transição do século XIX para o século XX, envolto nas práticas da arquitetura, engenharia e comércio: Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Arnaldo Dumont Villares e Ernesto Dias de Castro, que estiveram na direção de suas respectivas empresas, voltadas para a edificação da cidade de São Paulo, sendo o último deles, o mais eclipsado na história da cidade.

72

Ramos e Arnaldo na direção do escritório de arquitetura

Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928), paulistano, passou uma parcela significativa da sua vida em Campinas. Com formação pela Escola Militar do Rio de Janeiro, Ramos logo retornou à Campinas em 1875 para embarcar rumo à Europa. Na cidade de Gante, Bélgica, iniciou seus estudos em engenharia e arquitetura, diplomando-se então em *Engenheiro-Arquiteto* no ano de 1878. Regressou ao Brasil no ano seguinte, iniciando as atividades de seu pequeno escritório de projetos em Campinas.

Mesmo atuando em Campinas, Ramos esteve na direção das obras do edifício da Tesouraria da Fazenda a partir do ano de 1886, que já constava com um projeto inicial e o lançamento da pedra fundamental em 1881. A obra foi inaugurada em 1891 no largo do Palácio, atual Pátio do Colégio. No ano seguinte, lhe é confiado o projeto da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, finalizado no ano de 1896.⁵ Estas obras impulsionaram sua atuação em outros projetos ligados ao poder público e particulares na cidade de São Paulo, que o fizeram fixar residência em 1891, em um palacete situado à Rua Pirapitingui, na região da Liberdade.⁶

A marca de sua profissão ficou reconhecida pelo seu escritório, conhecido por *Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo*.⁷ Mas para além deste *bureau*, o engenheiro-arquiteto esteve envolvido nos negócios da cidade por intermédio de outras empresas, criando assim uma rede para o mercado imobiliário envolvendo estrategicamente, empresas relacionadas a loteamentos, projeção de casas de elite e de setores médios, atividades bancárias, comércio e importação de materiais de construção civil e entre outras.

Cristina Peixoto-Mehrtens, em sua obra *Urban Space and National Identity in Early Twentieth century São Paulo, Brasil: Crafting Modernity*,⁸ apresenta um dos genros de Ramos de Azevedo, o engenheiro Arnaldo Dumont Villares (1888-1965), natural de Ribeirão Preto e de importante família que esteve ligada ao comércio e exportação do café. Na

London Crystak Palace Engineering School, diplomou-se em engenheiro civil e elétrico no ano de 1905, e quando voltou ao Brasil trabalhou no escritório de arquitetura de Ramos de Azevedo, onde seu tio, Ricardo Severo era sócio. Em 1910 associou-se à Ramos de Azevedo e dois anos mais tarde casou com a sua filha, Laura Lacaze. Peixoto-Mehrtens faz uma divisão que permite entendermos o escritório, pela perspectiva de Arnaldo, em três momentos. O primeiro deles seria com a inauguração das atividades do escritório em 1886 até o ano de 1928, e Ramos de Azevedo na direção da empresa; em um segundo momento de 1928 à 1940, quando juntamente com Ricardo Severo assumem a direção do escritório passando a ser reconhecido por *Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, Severo & Villares*; por último, com a morte do tio, Villares assume a direção do escritório com outros sócios passando a razão social para *Severo, Villares & Cia, Escritório Técnico Ramos de Azevedo*.

Um gaúcho na Pauliceia

Poucas linhas foram dedicadas na historiografia a Ernesto Dias de Castro. Nas discussões que envolvem Ramos de Azevedo, muito se diz da associação deste com Arnaldo Dumont Villares, do seu papel como dirigente no escritório de arquitetura, mas deixam de apresentar a importante atuação de Castro para a própria manutenção deste escritório.

O engenheiro Ernesto Dias de Castro nasceu em 13 de março de 1873 na cidade de Bagé, Rio Grande do Sul. Era filho do casal Elibia Antunes Maciel e Pedro Dias de Castro, este por sua vez, exercia a profissão de administrador de Rendas.⁹ Imigrantes advindos de algumas regiões da Europa para o sudeste do Brasil também se fixaram naquela cidade, formando um núcleo de espanhóis, italianos e portugueses, sendo esses últimos os prováveis ascendentes da família Dias de Castro na região.¹⁰

Os primeiros registros da vida escolar de Ernesto de Castro em Bagé são escassos. Os poucos encontrados apontam para o seu ingresso no Colégio Militar de Porto Alegre em 1890,¹¹ que durante a Revolução Federalista (1893-1895) permaneceu fechado. Neste período, foi aluno militar em Montevidéu, retornando ao Brasil em 1895 com outros colegas de carreira, como consta em uma notícia do Jornal *A Federação* a respeito de um telegrama encaminhado de Montevidéu e expedido para *O Paiz*, solicitando a repatriação destes.¹²

73

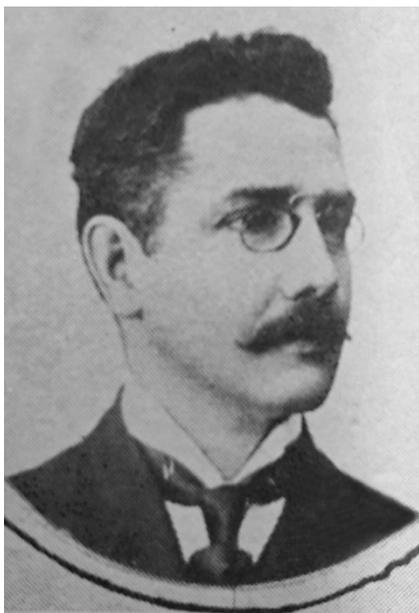


Figura 1. Ernesto Dias de Castro, c. 1910.
Fonte: Impressões do Brasil, 1913.

Por meio de um requerimento pedindo o exame de *trigonometria esférica* e *escrituração mercantil* para completar o curso preliminar, já que havia sido deferido no curso da Escola Politécnica, é possível perceber, ainda:

*A certidão anexa passada pelo Comm. ° da E. Militar do Rio Grande do Sul prova que o petiçãoário prestou de 1890 ate 1892 os exames necessários p^a completar o curso preliminar do curso preparatorio, bem como o exame do 1^o anno do curso geral daquela escola, q' comprehende geometria analiptica e álgebra superior, calculo refferencial e integral e geometria descriptiva.*¹³

Naquele mesmo ano, no mês de junho, temos documentado no jornal *A Federação*, o seu interesse no curso de engenharia na Escola Politécnica de São Paulo. Através de um comprovante de matrícula do mês de agosto, podemos comprovar o seu ingresso no curso¹⁴ e o primeiro contato com seu futuro professor Francisco de Paula Ramos de Azevedo. No mesmo ano ocupou o cargo de engenheiro condutor na Secretaria de Agricultura da capital, na comissão de Saneamento, acompanhado de Manoel Barros de Carvalho, Frederico Ferreira da Silva Santos, Joaquim Leocadio Freire e Haus Ravache.¹⁵

No primeiro ano de estudos no curso de Engenharia na Escola Politécnica de São Paulo em 1896, recebeu o título de engenheiro geógrafo e continuou os estudos para sua formação de engenheiro civil. Em 1897 passou a cursar junto com Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho, Mario de Campos e Carlos Kiehl nas 1ª e 2ª cadeiras do curso de Engenharia Civil.¹⁶

Na tarde do dia 24 de junho de 1899, ocorreu a 1ª colação de grau da Escola Politécnica de São Paulo com os alunos: Carlos Kiehl, Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho, Antonio de Cerqueira Cesar, Mario de Campos, Eduardo Kiehl, Francisco de Godoy Moreira e Costa, Ernesto Dias de Castro, Aureliano Ignacio Botelho, Francisco Octaviano Teixeira de Almeida e João Moreira Maciel, formando assim a 1ª turma de engenheiros diplomados em São Paulo. Na ocasião, o diretor Paula Souza proferiu um discurso aos alunos formados que inspirava a independência de produtos estrangeiros e a valorização da indústria local;¹⁷ seguido do discurso do orador da turma, Francisco de Paula Ramos de Azevedo Filho.

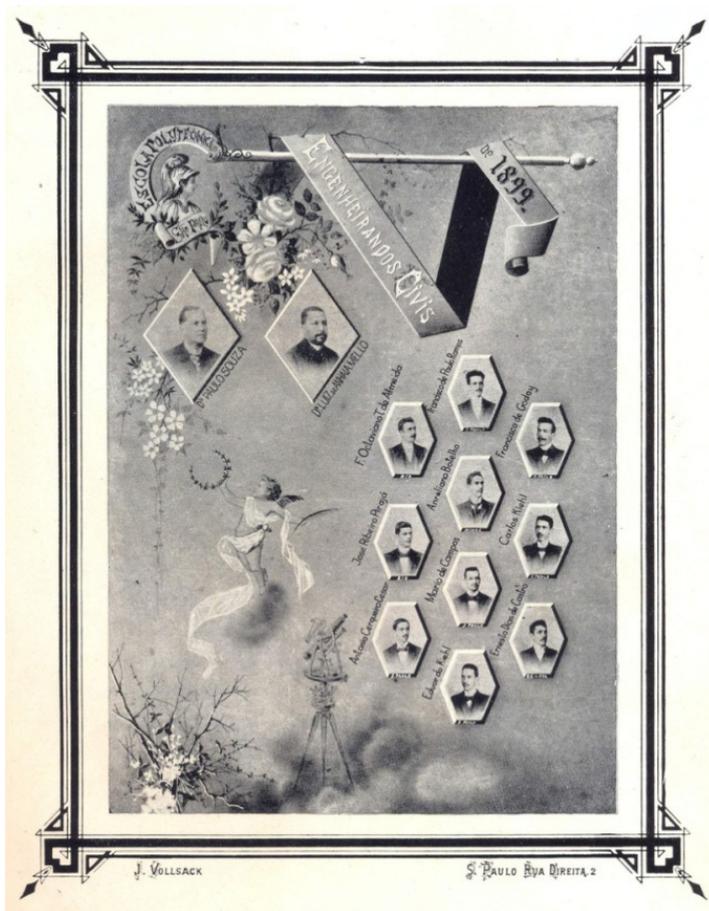


Figura 2. 1ª turma de Engenheiros Civis formados pela Escola Politécnica de São Paulo. Da esquerda para direita temos os Diretores Dr. Paula Souza e Dr. Luiz de Anhaia Mello, os alunos F. Octaviano T. de Almeida, Francisco de Paula Ramos, Francisco de Godoy, José Ribeiro Pirajá, Anreliano Botelho, Carlos Kiehl, Antonio Cerqueira Cesar, Mario de Campos, Ernesto Dias de Castro e Eduardo Kiehl.

Fonte: Anuário da Escola Polytechnica para o ano de 1934, III ano, 2ª Série.

No ano de 1901, o *Almanak Laemmert* apresentou o nome de Ernesto Dias de Castro como parte do corpo docente do Ginásio da Capital, com os demais professores daquela escola e todo o corpo administrativo.¹⁸ Durante os primeiros anos de exercício do mandato do prefeito Antonio da Silva Prado na capital,¹⁹ Ernesto de Castro ocupou o cargo de 2º engenheiro ao lado de nomes como Lúcio Martins Rodrigues, Francisco de Paulo Santos Rodrigues e João Esteves Ribeiro da Silva, sob a direção de Victor da Silva Freire na Diretoria de Obras.²⁰

Em 1899 casou com Lúcia Lacaze Ramos de Azevedo²¹, filha de seu antigo professor na Politécnica, Francisco de Paula Ramos de Azevedo, responsável pelas residências construídas para as duas filhas no lote de seu palacete na Rua Pirapitingui, região da Liberdade, que se tornou residência²² do casal Dias de Castro até o ano de 1935, quando se transferiram para a nova residência situada à Avenida Paulista, no antigo número 186, atual 37 que abriga o Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, “Casa das Rosas”. O projeto dessa propriedade foi atribuído a Felisberto Ranzini – arquiteto licenciado do Escritório Técnico “Ramos de Azevedo”, Severo & Villares – pela historiadora Sheila Schwarzman²³.

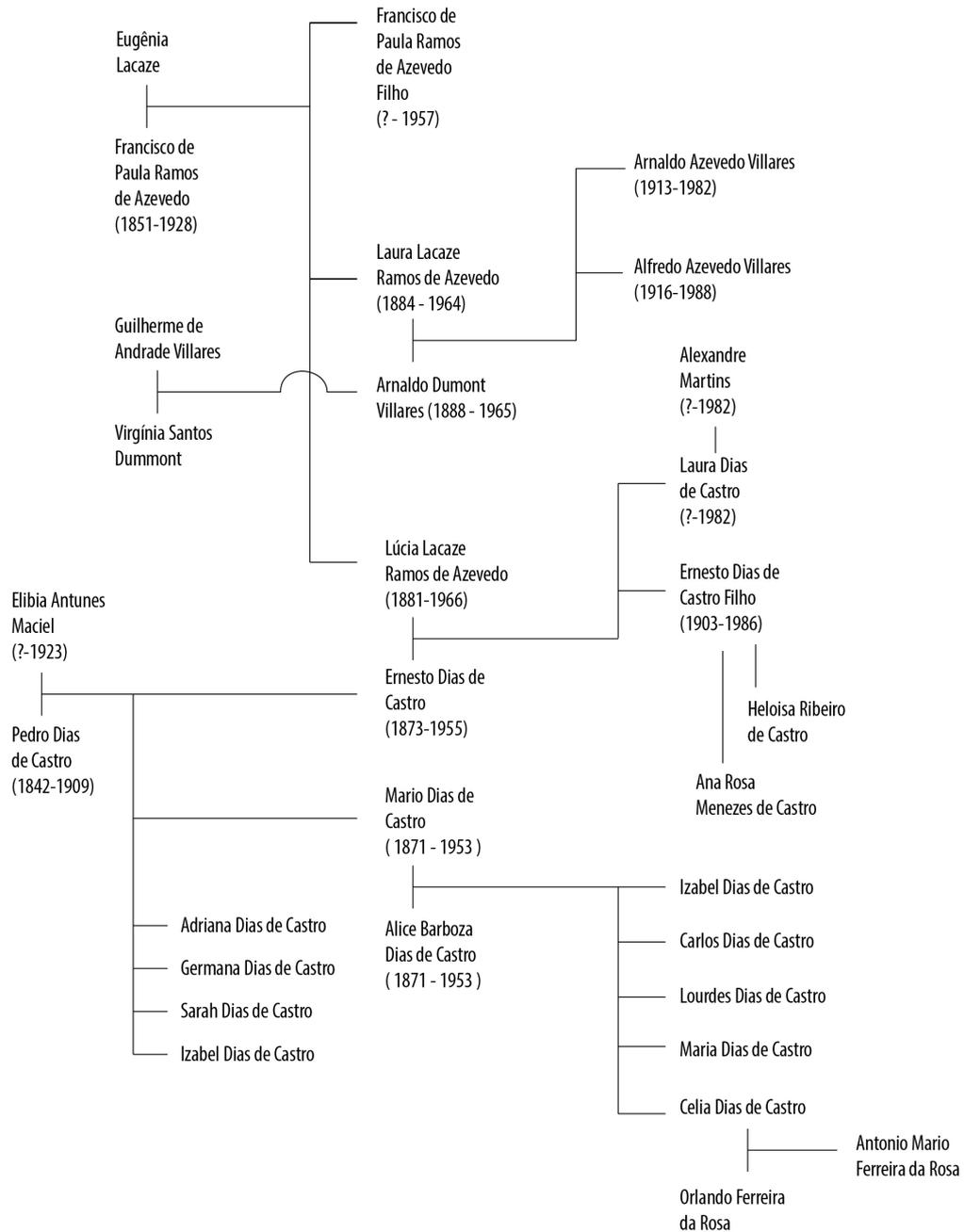


Figura 3. Genealogia das Famílias Ramos de Azevedo e Dias de Castro.

Fontes: Jornal Correio Paulistano; O Estado de São Paulo; Site: www.myheritage.com.br. Elaboração: Carlos Thaniel Moura, 2017.

A Casa comercial Ernesto de Castro & Cia

Inaugurada e firmada em 18 de janeiro de 1903²⁴, a *Ernesto de Castro & Cia* seguiu o mesmo negócio de importação que Ramos de Azevedo já administrava na *E. P. Bueno & Cia*, como pode ser visto em anúncio de jornal no dia 11 de março de 1903:

Ao commercio

Ernesto de Castro & Cia., sucessores de E. P. Bueno & Cia., comunicam ao commercio em geral, que continuam explorando o mesmo ramo de negocio, assumindo a responsabilidade de todo o activo e passivo da extincta firma.

S. Paulo, 10 de março de 1903.

(assignado) Ernesto de Castro & Cia. ²⁵

Como já apontado, Ramos de Azevedo passou a constituir uma série de atividades ligadas ao fornecimento de materiais de construção. Um dos primeiros registros encontrados está no Correio Paulistano.²⁶ A notícia informa que a empresa *Azevedo & Bueno* substituiu, “em virtude da nova sociedade mercantil”, a *Azevedo Bueno & Comp.* situada na Rua do Rosário, 10, mas garantia que a nova razão social continuaria operando no mesmo ramo de “importação e comissões de conformidade com o contracto registrado na Junta Comercial”.²⁷ A nova sociedade era composta por João Azevedo e Eugenio Pereira Bueno como solidários; e Francisco de Paula Ramos de Azevedo e Joaquim F. de Camargo Junior²⁸ como comanditários.

Este empreendimento ao qual Ramos de Azevedo se associou nos revela uma parcela de importância das casas importadoras para o Estado de São Paulo e, principalmente, para a capital paulista. O projeto político republicano estava assentado sobre a ideia do *laissez-faire*, o que, em termos administrativos, levou a um processo crescente de concessões de serviços públicos – bondes, trens, iluminação urbana, água etc. Segundo Sidney Bernadini, em sua análise sobre a Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o papel do estado era estar à frente dos projetos de intervenção territorial e urbana. Como deflagrador dessa atuação:

*A década de 1920 foi caracterizada do lado do estado paulista pela consolidação do aparelho burocrático, controlador e efetivamente empenhado em promover um desenvolvimento econômico, organizando e institucionalizando as estruturas de apoio ao mercado.*²⁹

Em virtude das várias obras empreendidas pelo governo do Estado, as fachadas eram ressignificadas com materiais industriais ou produzidos em seriações por moldes, evocando formas historicistas, e, ao mesmo tempo, as construções passaram a expressar normas higiênicas impostas pelo poder público a partir de códigos que isolavam as casas nos lotes urbanos e forçavam a uma gradual transformação das habitações.³⁰

As casas importadoras, instaladas em São Paulo nas duas últimas décadas do século XIX, se expandiram após a instalação da República, o que permitiu a criação de um mercado especializado para dar conta das edificações do poder público, da antiga nobreza agrícola que passou a construir novas casas na capital, e, também, de um grupo de imigrantes que conseguiram repatriar recursos financeiros ou alcançaram um grau de desenvolvimento econômico.³¹ Ao avançar do século XX, contudo, em função da incidência das regras para construções, que redefiniram as áreas para preparação de alimentos, asseio e permanência nas edificações, essas lojas passaram a vender produtos também às classes laboriosas.

Investir, então, no mercado de materiais de construção mostrou-se algo lucrativo. Ramos de Azevedo, assim, além de comandar firma de importação, passou a produzir insumos para a construção civil no Brasil, associando-se a fábricas diversas de materiais, como aponta a pesquisadora Thaís Carneiro de Mendonça:

Ramos [de Azevedo] passou a atuar no comércio de materiais como madeira, cal, mármore e granito, ou seja, na promoção de empreendimentos comerciais relacionados ao fornecimento de materiais para construção civil. Também empresariou empreendimentos de grande e pequeno porte, ligados a bancos, serraria e cerâmica, entre outros, abrindo caminho para que a matéria prima fosse produzida aqui mesmo no Brasil.³²

A *Ernesto de Castro & Cia*, portanto, tinha Ramos de Azevedo como comanditário e Ernesto Dias de Castro como solidário³³. Nas obras para o Teatro Municipal, Richard Santiago Costa nos apresenta Ramos de Azevedo em sua nova sociedade com seu genro e como esteve ligado indiretamente ao fornecimento de materiais para a construção do teatro:

*Ao findar o ano de 1903, a municipalidade já publicava edital para construção dos muros e abóbadas do teatro a partir do plano do embasamento geral. Orçado em 135:025\$838, o serviço seria feito com andaimes e tijolos fornecidos pela prefeitura. Aqui, Ramos reporta que tais andaimes seriam fornecidos pela empresa do senhor Ernesto de Castro & Co., que por sinal era seu genro e com o qual abrira tal negócio naquele mesmo ano.*³⁴

Não somente o Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo estaria à frente do projeto arquitetônico do Teatro, mas a *Ernesto de Castro & Cia*. era a principal fornecedora de materiais para sua edificação.

Esta firma também angariou outro membro familiar, agora da parte de Ernesto em 11 de fevereiro de 1910, com a admissão de Mário Dias de Castro como sócio comanditário da empresa.³⁵ Anterior a este período, Mário de Castro trabalhava na loja de importação João Aydos & Cia, na cidade de Porto Alegre, com o comércio de

*gêneros de estiva e outras mercadorias, em grande escala, da Europa, da América do Norte e dos Estados do Norte do Brasil, - de vendas em Porto Alegre e em todo interior do Estado do Rio Grande do Sul, por meio dos seus caixeiros viajantes e dos seus commissionários.*³⁶

77

A partir de 1910, a atuação de Mário Dias de Castro nos negócios da família mostrou-se cada vez maior. No *Almanak Laemmert* para o ano de 1925 existe a indicação de que ele ocupava o cargo de tesoureiro do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, na época em que Ramos de Azevedo era vice-diretor. Mais tarde, vemos no balanço da Serraria Azevedo, Miranda S/A, o nome de Mário de Castro como diretor-presidente.³⁷

Em 1917 a administração da *Ernesto de Castro & Cia* passou por uma reestruturação e a direção foi alterada com a admissão de Arnaldo Dumont Villares e Francisco de Paula Ramos Filho como sócios. No mesmo ano, Ramos de Azevedo saiu da empresa para assumir o cargo de diretor da Escola Politécnica de São Paulo.

A trajetória comercial do engenheiro Ernesto de Castro também pode ser percebida na sua relação com a Associação Comercial de São Paulo³⁸ que sofreu algumas alterações nas estruturas administrativas entre Indústria e Comércio. No ano de 1917, período conflituoso entre taxações e greves na capital, Ernesto assume a direção da Associação. Segundo o *Estado de São Paulo* a fusão entre as duas sociedades ocorreu no mesmo ano:

*Em virtude desse resultado, passaram o “Centro do Commercio Industria de São Paulo” e a “Associação Commercial” a constituir uma única sociedade, sob a denominação de Associação Commercial de São Paulo (Centro de Commercio e Industria).*³⁹

Interessante notar que, em meados da década de 1920, houve uma cisão entre comerciantes e industrialistas. Amparados pela mesma Associação Comercial do Estado de São Paulo, os industriais criaram uma força protetora para suas tarifas com a fundação da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) em 1931.⁴⁰

A nova residência de Ernesto e Lúcia Dias de Castro, na Avenida Paulista foi projeto do Escritório Técnico F. P. Ramos de Azevedo, com início de sua construção em 1927 e finalização em 1934, seis anos após a morte de Ramos

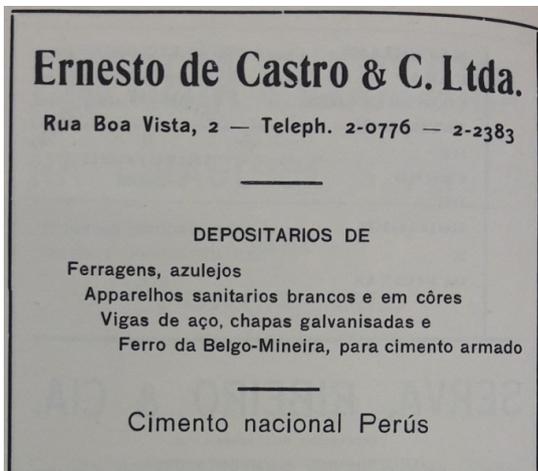


Figura 4. Anúncio da Ernesto de Castro & Cia.

Fonte: Anuario da Escola Polytechnica da Universidade de São Paulo, 1936, V anno, 2º série.

empresa contava com diversos artigos para construção, tais como “ferragens, tintas, vigas de ferro, cerâmica, artigos sanitários, aparelhos para gás e eletricidade, tubos para água, óleos, cimento, madeiras, maquinismos para lavoura, indústrias, estradas de ferro etc.”⁴²; ao mesmo tempo que possuíam uma Serraria Central, a *Azevedo, Miranda & Cia* onde eram trabalhadas as madeiras de lei, pinho nacional, pinho de resina importado da América do Norte e pinho da Suécia. A empresa também empregava recursos publicitários em impressos de jornais, almanaques e revistas especializadas, além de anúncios em empenas cegas dos arranha-céus no centro da cidade.

de Azevedo, em 1928. Ao lado dela, o irmão Mário, também fixara residência na mesma avenida, com projeto e mobília das duas firmas de Ramos de Azevedo, do próprio escritório e do Liceu de Artes e Ofícios.⁴¹

Avançando em décadas, para o ano de 1953, a *Ernesto de Castro & Cia* alterou sua razão social para *Ernesto de Castro S/A Comercial e Importadora*, configurando uma nova diretoria, sendo ela formada pelos seguintes senhores: Ernesto Dias de Castro, diretor presidente; Mario Dias de Castro, diretor vice-presidente; Carlos Eugênio Dias de Castro e Orlando Ferreira da Rosa, diretores dirigentes; Ernesto Dias de Castro Filho, diretor-secretário e Moacyr Toledo das Dores como diretor adjunto.

Até aqui, destacamos as questões relacionadas à administração que estiveram ligadas a Ernesto Dias de Castro e sua atuação nos círculos empresariais e comerciais da cidade. No que se diz respeito à produção da casa importadora, esta



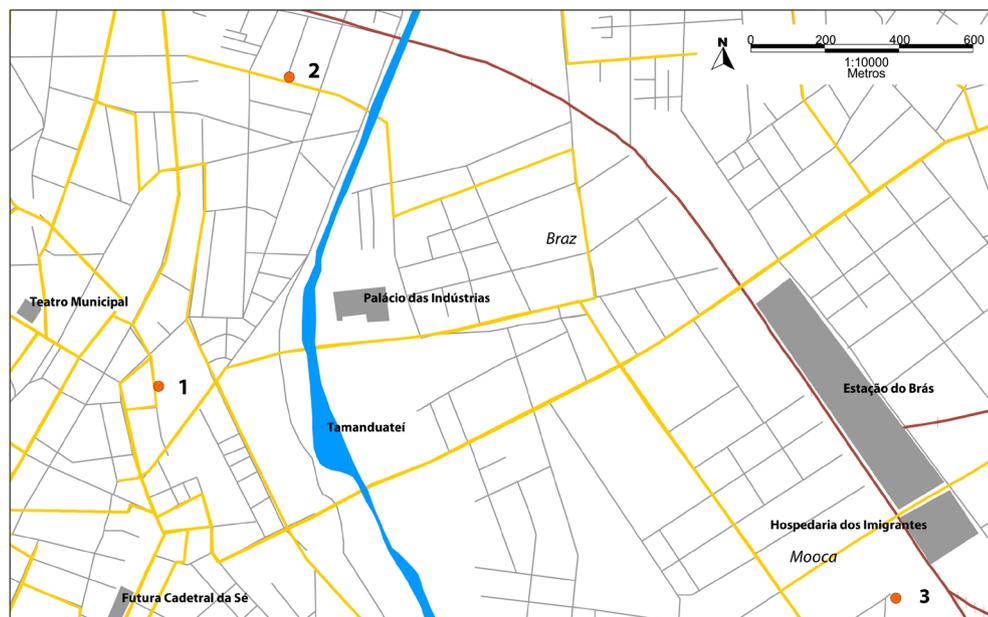
Figuras 5 e 6. Propagandas da Ernesto de Castro & Cia nas empenas cegas do edifício Casa Ramos de Azevedo na R, Boa Vista, 26 (atual 136).

Fonte: Acervo de Negativos de Vidro do Fundo Ramos de Azevedo, Biblioteca da FAU-USP.

O armazém da *Ernesto de Castro & Cia*, que era utilizado para depósito dos materiais estava localizado na atual Rua André de Leão, 55, na esquina com a Rua Ernesto de Castro, na região do Brás, próximo da linha férrea. Este edifício teve seu projeto assinado pelo Escritório Técnico Samuel e Christiano das Neves em 1920 e mais tarde reformado pelo Escritório Técnico “Ramos de Azevedo”, Severo e Villares em 1938.⁴³ Conforme consta no livro *Impressões do Brasil*, em 1913 “a distribuição de mercadorias aos clientes [era] feita por 15 carroças, tendo a firma feito encomenda de alguns caminhões automóveis Orion, para ampliar os transportes”,⁴⁴ e neste trecho não apenas percebemos o fluxo de transporte, mas a quantidade de veículos e o futuro aumento da frota com veículos motorizados pela *Ernesto de Castro & Cia*. Nota-se a própria modernização dos meios de transporte utilizados pela empresa na distribuição de seus produtos pela cidade. A escolha da região do Brás não foi por acaso, uma vez que o escritório estava na Rua Boa Vista, 10, no centro da capital:

Havia todo um comércio de produtos básicos para construção mesmo no Triângulo Histórico (formado pelas ruas Direita, XV de Novembro e São Bento) e adjacências – dividindo espaço com as casas importadoras, prestadoras de serviços e outras tipologias de comércio –, o que corrobora com a informação do surto de construção na cidade, ao menos no período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial. Para os depósitos e oficinas, a região do Brás era a preferida por causa da proximidade com os ramais férreos, das grandes áreas disponíveis e por possuir mão de obra abundante [...]”⁴⁵

Dessa forma, as exigências por materiais para construção civil se intensificaram nesse período de crescimento e urbanização em São Paulo. Trazendo como consequência uma maior movimentação no comércio construtor. Com a ampliação dos negócios no setor da construção civil, a Casa passou a comercializar também produtos nacionais, contudo, não temos a exata dimensão do catálogo e nem da procedência dos produtos comercializados.



Mapa construído a partir da “Planta da Cidade de São Paulo” de 1928 (APESP); localização de endereços e numeração da “Planta Cadastral e Comercial da Cidade de São Paulo” de 1911 (Museu Paulista); vetores de arruamento, hidrografia, ferrovias, linha de bondes do Grupo Himaco, disponível em <http://www2.unifesp.br/himaco/>; Endereços com base na obra de LEMOS, Carlos A. C. Ramos de Azevedo e seu escritório. São Paulo: Pini, 1993; no Acervo da Junta Comercial do Estado de São Paulo; no Acervo da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e anúncios do Almanak Laemmert e do jornal Correio Paulistana, da Biblioteca Nacional.

LEGENDAS

● Ernesto de Castro & Cia.	■ Equipamentos
1. Ernesto de Castro & Cia. (Escritório e Loja)	■ Hidrografia
2. Azevedo, Miranda & Cia.	— Linha de bonde
3. Armazém da Ernesto de Castro & Cia. (Azevedo, Miranda & Cia - Serraria Central)	— Ferrovia

Figura 7. Mapa “Edifícios da Ernesto de Castro & Cia. e sua logística”. Autoria: Carlos Thaniel Moura.

Pelo apurado, os irmãos Ernesto e Mario Dias de Castro mantiveram-se sócios até 1953, quando Mário falece, aos 82 anos, deixando esposa e filhos.⁴⁶ Três anos após a morte do irmão, Ernesto Dias de Castro faleceu em 15 de novembro de 1955, e assim, a direção de sua importadora passou para Orlando Ferreira da Rosa, casado com a filha de Mário, Célia Ferreira da Rosa, e a vice-presidência ocupada por seu cunhado, Ernesto de Castro Dias Filho. Este, também um politécnico, formou-se engenheiro-arquiteto em 1929.⁴⁷

Considerações finais

Uma organização familiar estruturada em negócios e clientes para a urbanização de São Paulo formavam, portanto, Ramos de Azevedo, Arnaldo Dumont Villares e Ernesto Dias de Castro. O primeiro foi engenheiro-arquiteto e pelo que se sabe projetou pouco; em seu escritório muitos projetos eram elaborados por outros arquitetos, pois a prática do chefe era *carimbar* todos eles apenas com a *marca* do Escritório⁴⁸, garantindo a primazia do comando institucional não somente de seu escritório, como de outras instituições e negócios pela cidade; e o selo de respeitabilidade que efetivamente alcançou no imaginário paulista(no).

Arnaldo Dumont Villares participou efetivamente do escritório, primeiramente como sócio de seu tio. Posteriormente à sua morte, assumiu completamente a direção da empresa, ocupando a dianteira de obras estruturais para cidade. Já Ernesto Dias de Castro formou-se Engenheiro civil pela Escola Politécnica e manteve-se pouco tempo na Diretoria de Obras da capital atuando profissionalmente como engenheiro. Pouco tempo depois aliou-se com seu sogro, Ramos de Azevedo, para entrar na iniciativa privada, com o comércio de materiais para a construção civil, já que este setor era aquecido pela demanda do mercado imobiliário. Não era apenas comerciante. Antes mesmo disso, tornou-se professor no ginásio do Estado e não abriu mão de seu título, mesmo com os negócios paralelos.

80

Interessante notar como Ramos de Azevedo associou-se aos seus dois genros para a manutenção de seu legado em duas firmas que seriam, nos anos futuros, influentes no processo de intensa verticalização da cidade de São Paulo. Enquanto Ernesto Dias de Castro atuou na função de diretor de uma das lojas mais importantes para o fornecimento de materiais da construção civil, Arnaldo Dumont Villares ficou responsável por gerenciar o escritório de projetos do sogro. As estratégias de Ramos de transferir para os dois genros o legado de suas duas maiores empresas que juntas continuariam a funcionar sobre a direção das famílias Severo e Villares, no caso do escritório, e nos Rosa Castro, para a *Ernesto de Castro & Cia*, confirmando a ideia da construção de um clã preocupado em manter suas influências e negócios na cidade.

Notas e referências bibliográficas

Carlos Thaniel Moura é formado em História (Bacharelado e Licenciatura) pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em História pela mesma universidade, com pesquisa relacionada ao comércio de construção civil na cidade de São Paulo. E-mail: carlos.thaniel@gmail.com.

- 1 Este artigo foi desenvolvido a partir dos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso em História, intitulado "Ramos de Azevedo e Ernesto Dias de Castro: Alianças domésticas e espaciais em São Paulo", apresentado na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – UNIFESP, em 2017. Apresenta algumas discussões novas e abertas sobre a contribuição de Ernesto Dias de Castro para a urbanização da cidade de São Paulo e sua relação com Ramos de Azevedo e Arnaldo Dumont Villares.
- 2 BRESCIANI, M. S. M.. *A aventura das palavras da cidade, através dos tempos, das línguas e das sociedades/La aventura de las palabras de la ciudad, a través de los tiempos, de los idiomas y de las sociedades*. São Paulo: Romano-Guerra, 2014, p. 631.
- 3 ARASAWA, Cláudio Hiro. *Engenharia e Poder: construtores da nova ordem em São Paulo (1890-1940)*. São Paulo: Alameda, 2008.
- 4 PERISSONOTO, Renato M. *Estado e capital cafeeiro em São Paulo, 1899-1930*. São Paulo: FAPESP; Campinas-SP: UNICAMP, 1999, p. 26. 1v.
- 5 CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: EDUSP, 2000, pp. 131-144.

- 6 A respeito da vida e obra de Ramos de Azevedo, consultar: LEMOS, Carlos A. C. *Ramos de Azevedo e seu escritório*. São Paulo: Pini, 1993 e CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: EDUSP, 2000. Os autores trazem em uma narrativa biográfica, sua trajetória e formação acadêmica, trabalhos e administração técnica pelo escritório de arquitetura, projetos residenciais, institucionais e públicos; e os últimos anos de Ramos de Azevedo.
- 7 A historiadora Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno, em um catálogo de exposição sobre o Escritório Técnico de Ramos de Azevedo, divide este em duas fases: a primeira, a partir do ano de 1886 em que lhe é confiado à direção das obras dos edifícios do Largo do Palácio, até sua morte em 1928; e a segunda com a administração do escritório por seu genro Arnaldo Dumont Villares e seu sócio Ricardo Severo. Ver em: BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Escritório Ramos de Azevedo: a arquitetura e a cidade*. São Paulo: Centro Cultural Correio, 2015 (Catálogo da Exposição).
- 8 MEHRTENS, Cristina Peixoto. *Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting Modernity*. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 41-81.
- 9 A FEDERAÇÃO. Rio Grande do Sul. 21 de dezembro de 1889.
- 10 RAMOS, Waldir Alves. *A importância da imigração em Bagé*. Disponível em: < <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=36442> >. Acesso em 15 de agosto de 2017.
- 11 A FEDERAÇÃO. Rio Grande do Sul. 10 de janeiro de 1890.
- 12 A FEDERAÇÃO. Rio Grande do Sul. 7 de fevereiro de 1895.
- 13 Requerimento de Exame por Ernesto Dias de Castro. 27 de junho de 1895. Pasta de ex-alunos. Acervo da Escola Politécnica da USP.
- 14 CASTRO, Ernesto Dias de. Pasta de Ex-alunos. São Paulo, Arquivo EPUSP.
- 15 O COMÉRCIO DE SÃO PAULO. São Paulo. 21 de outubro de 1895.
- 16 CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 10 de junho de 1897.
- 17 O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo. 25 de junho de 1899.
- 18 *Almanak Laemmert*, edição de 1901.
- 19 A gestão de Antonio Silva Prado se deu entre os de 1899 a 1911, isto é, 12 anos como prefeito da cidade. Mesmo período em que Pereira Passos realizava grandes reformulações urbanas para a capital do país, no Rio de Janeiro, Antonio Prado também realizou seus projetos urbanísticos na Paulicéia, conforme o arquiteto Candido Malta Campos nos diz: “[...] as realizações paulistanas foram consideráveis, começando por projetos de cunho paisagístico: remodelação do Jardim da Luz, urbanização e arborização da Avenida Tiradentes, ajardinamento da Praça da República (1902 a 1905), novo arranjo do largo do Arouche, acerto das margens do Tamanduateí, na várzea do Carmo com o plantio de grama e árvores. [...] A partir de 1901, a Rua Quinze de novembro, a mais elegante via comercial da cidade, foi alargada. O largo do Rosário (atual Praça Antônio Prado), situado na desembocadura daquela rua em direção aos novos bairros “nobres” do quadrante Oeste, foi ampliado e regularizado geometricamente entre 1903 e 1906. Para tanto foi demolida a antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, polo de atração da comunidade negra, transferida para o lardo do Paissandu, também remodelado e ajardinado. [...] Iniciou-se uma intervenção ‘saneadora’ na área da Praça da Sé, com a demolição, pelo governo estadual, de dois quarteirões ocupados por usos indesejáveis: casinhas, cortiços e pontos de prostituição”. E conforme os planos da Avenida Central no Rio de Janeiro, Antonio Prado também seguiu o epíteto de criar avenidas que fossem vitrine do ar europeizante da Pauliceia, com a construção do Teatro Municipal no Vale do Anhangabaú e a urbanização dos arredores. Conhecido por suas “melhorias urbanas”, Prado, devido a um embate político e partidário relacionado à renovação do contrato da Light Power e Co. (companhia responsável pelo transporte público por meio de bondes até então) não concorreu às eleições para o ano de 1910. Para saber mais ver em: CAMPOS, Candido Malta. *Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p.82 à 93.
- 20 *Almanak Laemmert*, edição de 1901.
- 21 Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro de Casamento da Paróquia de Cambuci, cota: 5-1-6, p. 29.
- 22 O endereço do casal aparece no registro do *Almanak Laemmert* (edição de 1905, p. 2068), na pessoa de Ernesto Dias de Castro como professor nas cadeiras de geometria e trigonometria, situado à Rua Pirapitingui, 15. Atualmente, o endereço se dá pelo nº 141, conforme consta no Processo de Tombamento - 22104, CONDEPHAAT, 1982, fl. 7, que apresentou Ernesto Dias de Castro Filho, como proprietário do imóvel e articulador responsável no inventário da residência.
- 23 Processo de Tombamento - 22104, CONDEPHAAT, 1982, fl. 78.
- 24 JUCESP, Atas das Assembleias, doc. 4788, 18 jan. 1903.
- 25 CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 11 de março de 1903.
- 26 CORREIO PAULISTANO. São Paulo. 19 de fevereiro de 1891.
- 27 Idem, ibidem.
- 28 Antigo Barão de Ibitinga.
- 29 BERNARDINI, S. P. *Construindo Infra-estruturas, Planejando Territórios: A Secretaria de Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Governo Estadual Paulista (1892-1926)*. (Tese de Doutorado). São Paulo: FAU-USP, 2008, p. 66.
- 30 Os códigos aqui citados como os códigos sanitários e o de obras, podem ser vistos na obra de CARVALHO, C. C. V. A. de. *Os setores médios e a urbanização de São Paulo: Vila Mariana 1890 a 1914*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: EFLCH-UNIFESP, 2015.
- 31 ALMEIDA, Renata Geraissati Castro de. *Um artífice da urbanização paulistana: Rizkallah Jorge Tahan (1895 - 1949)*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.
- 32 MENDONÇA, Thais Carneiro de. *Técnica e Construção em Ramos de Azevedo. A construção civil em Campinas*. (Dissertação de Mestrado). São Carlos: IAU-USP, 2010, p. 32.
- 33 Em uma comandita simples, o comanditário é aquele cuja única participação é no seu investimento inicial e nos lucros da empresa, enquanto o comanditário solidário é aquele que responde pela empresa socialmente, como pessoa física. Ver em: <http://www.normaslegais.com.br/guia/sociedade-em-comandita-simples.htm>.

- 34 COSTA, Richard Santiago. *Parnaso Paulistano: história, arquitetura e decoração do Teatro Municipal de Paulo*. (Tese de doutoramento). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2017, p.114.
- 35 Conseguimos detectar que em visita a cidade de Porto Alegre, Ernesto Dias de Castro, esteve à frente das negociações para formar a sociedade com o irmão, pois em 1909 Mario Dias de Castro foi admitido à empresa Ernesto de Castro & Cia. No período da visita, Mário trabalhava como comerciante na Loja João Aydos & Cia conforme notícia no jornal *A Federação*, de 20 outubro de 1908.
- 36 MONTE DOMECCQ' & Cia. *O Estado do Rio Grande do Sul* Barcelona: Thomas, 1916, p. 136.
- 37 Jornal de Notícias. São Paulo. 26 de fevereiro de 1948.
- 38 A Associação Comercial do Estado de São Paulo foi institucionalizada em 1894, presidida por uma nova diretoria em 1895, com o coronel Antônio Proost Rodovalho e Antônio de Lacerda Franco como vice. Ver em: ASSUNÇÃO, P.; GHOBRIL, C. N. *Associação Comercial de São Paulo: 120 anos*. São Paulo: Lisboa, 2014, p. 18-35.
- 39 Société de publicite sud-américaine Monte Domecq et cie. *O Estado de São Paulo*. Barcelona: Graphico Tomas, 1918, p. 150.
- 40 WEISNTEIN, Barbara. *(Re)formação da classe trabalhadora no Brasil, 1920-1964*. São Paulo: Cortez: CDAH-IFAN – Universidade São Francisco, 2000.
- 41 Conforme as informações obtidas de uma publicação de Ricardo Severo onde consta uma lista com as residências mobiliadas pelo Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Lá aparecem os proprietários Ernesto e Mário Dias de Castro. A casa outrora pertencente a Mário Dias de Castro foi demolida e hoje no seu terreno está localizado o edifício do SESC Paulista.
- 42 Lloyd, Reginadl (dir.) *Impressões do Brasil no século Vinte: Sua Historia, Seo Povo, Commercio, Industrias e Recursos*. Londres, Lloyd's Greater Britain Publishing Company, 1913, p. 709.
- 43 Acervo de Projetos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Existem alguns pedidos de alinhamento do fundo "Diretoria de Obras" do Arquivo Histórico de São Paulo, nos seguintes endereços: Travessa Paula Souza, Rua Visconde de Parnayba, Rua Affonso Penna, Rua Antonio Paes e Rua Cruz Brancos que tinha como interessado a empresa *Ernesto de Castro & Cia*.
- 44 Lloyd, Reginadl (dir.) *Op. Cit.*, p. 709.
- 45 Ver em: NASCIMENTO, Ana Paula. Produtos, fornecedores e artesãos em obras do Escritório Técnico Samuel das Neves: 1909-1920. *Revista CPC*, São Paulo, n. 23, p. 135, aug. 2017.
- 46 O Estado de São Paulo. São Paulo. 19 de dezembro de 1953.
- 47 FICHER, Sylvia. *Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: FAPESP: EDUSP, 2005, p. 230.
- 48 LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. 2ª ed. rev., ampl. – São Paulo: Nobel, 1989, pp. 118-120.

[Artigo recebido em Março de 2018. Aceito para publicação em Julho de 2018].